

Thomas Moore após as vanguardas do início do século XX

Autoria: Ivo Braz

Pensar as vanguardas históricas é pensar o conceito de utopia, o que nos conduz directamente a Thomas Moore. Encontramos uma interpretação interessante da utopia moreana em Francois Choay. A leitura, proposta por esta autora, parte de um primeiro paradoxo entre a etimologia do não-lugar e a sua interpretação como proposta de um modelo espacial. O relato da ilha da Utopia por Rafael inicia-se pelo seu espaço e tem nele a condição da sua existência e da sua verdade. São os elementos desse espaço modelar (racionalizado e estandarizado) que dão a ver e que condicionam as instituições e as práticas sociais. Nele se inscrevem e dele derivam o doméstico e o económico (nos mercados onde a produção artesanal das famílias urbanas e agrícolas das células rurais é distribuído de acordo com as necessidades), o religioso (cuja descrição não atende à arquitectura mas ao modo como a organização interior traduz a organização social).

Ainda coloque o acento no futuro, uma vez realizada a Utopia implica o fim do devir. Utopus criou o dispositivo, e o funcionamento que ele implica, como idealidade furtada à acção do tempo. O trabalho do utopianos sobre o modelo não é criação (limita-se à perpetuação do modelo) ou rememoração (que implicaria o tempo), mas repetição. A «comoditas» e a beleza são secundárias perante a essência e a funcionalidade do modelo. Embora o espaço da Utopia seja um modelo de reprodutibilidade universal, as suas características de isolamento face ao exterior (associado à violência e à morte) e no sentido inverso um interior marcado por uma abertura, onde o privado e o secreto não tem lugar e tudo se oferece ao olhar, determinam que um limite à sua expansão levando a caracteriza-lo quase como um anti-espaço, numa ambivalência face ao construído entendível platonicamente como «pharmakon», remédio ou veneno.

Um elemento chave, e que dá o título ao capítulo, é a referência por Choay ao «estádio do espelho» que More reproduz no plano social como «estádio da utopia», no momento em que a cultura ocidental encontra no confronto com o outro, no espaço (povos exóticos) e no tempo (antiguidade), a que o texto moreano alude, a consciência de uma diferença que é condição indispensável à crítica de si. A Utopia, como não lugar, é um lugar à parte, radicalmente Outro face ao Eu, ao lugar (a Europa e mais precisamente a Inglaterra a sempre explícita ou implicitamente aludida por More) sobre cuja sociedade a crítica se exerce. A radicalidade desta experiência deve gerar uma inversão na relação EU/Outro, lugar/não lugar, que é uma conversão. Dai o papel do modelo espacial que impõe entre a multiplicidade dos possíveis, despoletada pela crítica, a escolha de um modelo social e permite enfrentar o perigo da perda de referências com o estabelecimento de um território e de uma identidade.

É importante ter em conta dois momentos distintos, embora relacionados. No livro I encontramos aquilo que a autora refere como a «ficção da perspectiva» que pela ambiguidade entre sujeito do discurso e personagem da história e pela alternância discursiva confere credibilidade à personagem de Rafael. No livro II temos a «ficção do motivo» importando distinguiu entre a descrição realista feita por Rafael, na primeira pessoa, do presente da Utopia, e a descrição na terceira pessoa da personagem mítica de Utopus. Este funciona como mediado, resolvendo as contradições, através do modelo espacial e permite a More empreender indirectamente a mudança protegendo-se da transgressão. Também Rafael surge como mediador (entre o real e o imaginário), através da viagem. Mas pelas características do seu caso (primeira pessoa, presente) passamos do mito à «paródia» do mito. O modelo espacial e a viagem remetem-nos para o espaço geométrico da perspectiva e para o espaço geográfico das descobertas marítimas, ou seja, para o novo entendimento do espaço no Renascimento. Nessa medida há que destacar o novo papel da observação visual, enquanto garante de verdade, em substituição do verbo. De igual importância é a ligação do espaço construído ligado à subjectividade e ao poder criador do homem, que põe em jogo a liberdade individual ao mesmo tempo que a associa à transformação social. Embora a atitude More seja

algo ambígua, a utilização pessoal e engenhosa do mito permite-lhe, por intermédio do modelo espacial, participar das questões essenciais do seu tempo e do futuro.

Na medida em que a ideia de vanguarda implica o avançar em relação a um presente que se pretende mudar e portanto o deslocamento para um não lugar que é o lugar desse futuro que a vanguarda anuncia, a relação desta com a utopia surge de modo directo. No entanto a abordagem de F. Choay às questões utópicas deixa-nos algumas pistas que nos permite aprofundar esta relação. Antes de mais a figura de Utopos, o herói fundador, que rompendo com todo o passado (até desligar a Utopia do continente) propõe e impõe um modelo que estabelece o futuro da comunidade por si planificada, remete-nos para o papel do artista (ou do pequeno grupo que por definição constitui uma vanguarda) que reserva para si o papel do criador, o gesto que embora sendo demiurgo é mais poeticamente subversivo ou revolucionariamente produtivo que sublime. Gesto utópico que tal como o do herói moreano reinventa o passado, estabelece uma sistemática que cria o futuro para o público que ele próprio determina. Esta crença no sujeito criador não é uma crença nas ideias de civilização e de progresso. Há nas vanguardas uma negatividade revolucionária face há história que encontramos no paradoxo entre a liberdade de Utopos e o condicionamento dos utopianos movendo-se numa quase eternidade.

Outro aspecto levantado por Choay diz respeito à relação entre o modelo e a crítica, na medida em que a proposta do novo não é gerada no vazio, mas por referência ao presente e ao passado que se quer mudar. Função de espelho que ajuda a pensar a reinvenção da história da arte nas propostas da vanguarda.

Outro aspecto da «função espelho» exposta pela autora implica a relação eu/outro, em que a descoberta do outro é a dimensão necessária para o reconhecimento e para a crítica de si, que pode implicar uma «conversão» ou pelo menos um repensar da identidade. O mecanismo deste deslocamento para o outro, e as consequências que daí se retira, fundamentam o papel que o primitivo, o «naife», o infantil jogam nas vanguardas, e que portanto vai muito além da simples originalidade.

A relação arte / vida, sendo um dos pontos de partida das vanguardas implica que as propostas destas tenham um alcance, explícito ou implícito, mais vasto que o artístico. Embora o espaço modelo não tenha que ser necessariamente o da arquitectura, gostaríamos de que a nossa referência final fosse para o funcionalismo arquitectónico que pela sua evidência de edificado liga-se claramente ao espaço utópico analisado por Choay, na planificação e racionalização que atende desde a casa até à cidade, na total secundarização do ornato, na relação entre modelo espacial e modelo social como elemento chave da proposta utópica.